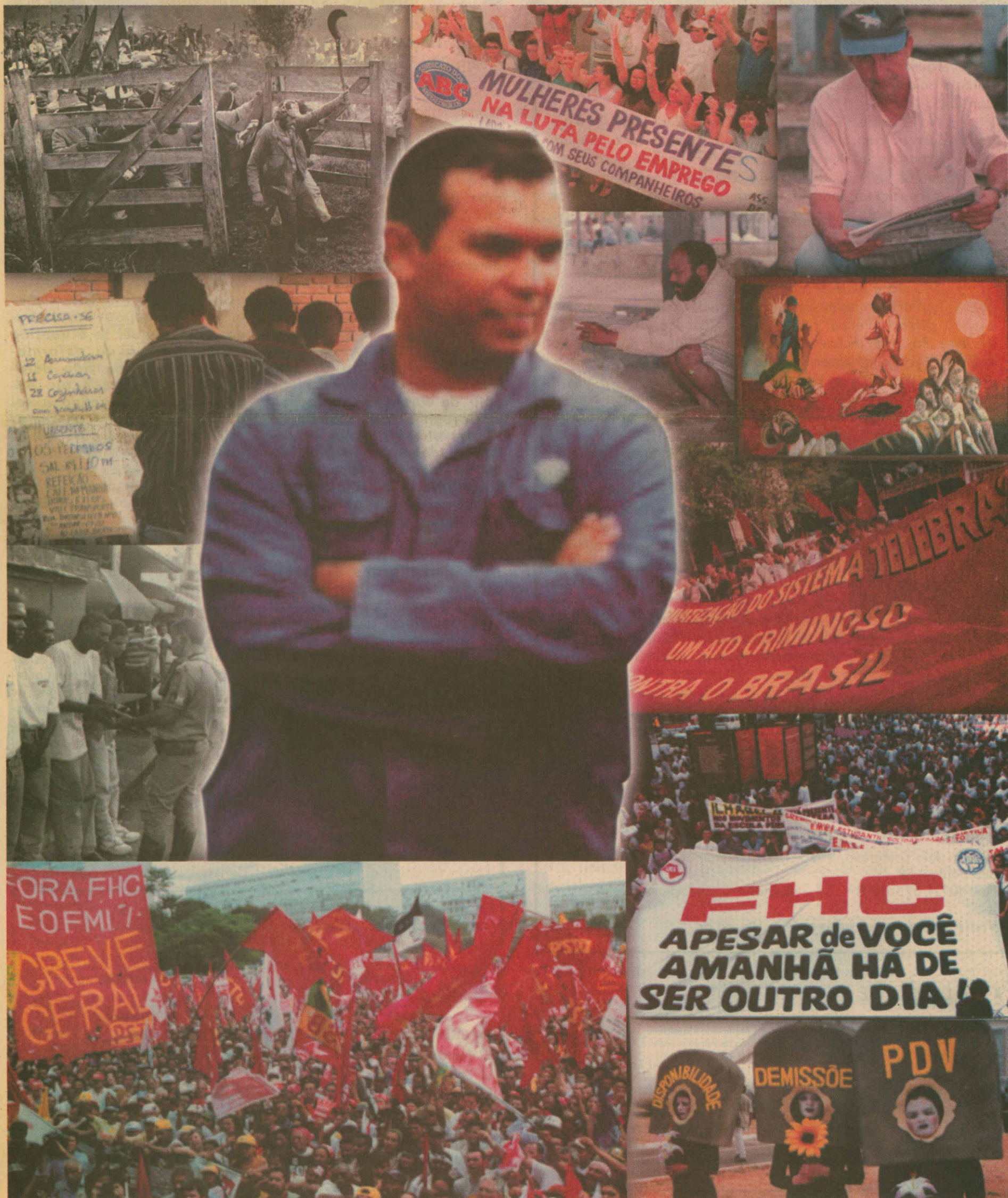
Partido Socialista
dos Trabalhadores
Unificado

Ano IV nº 86
4/11/99 a 18/11/99
Contribuição R$ 1,50

10 DE NOVEMBRO

PARAR O BRASIL E PROTESTAR

ESPAÇO ABERTO

Por que me filio ao PSTU. Quem é Álvaro Frota, dentro do Partido dos Trabalhadores? Ninguém, rigorosamente falando. Não sou nem nunca fui. Embora tenha militado sob a bandeira desse partido, isso foi há muito tempo e mesmo nessa época, fui um simples militante. Atualmente, sou apenas simpatizante. No entanto, estou saindo desse partido e irei me filiar ao PSTU...

...Lula convidou o bom velhinho de cãs brancas ao Seminário Sobre a Pobreza do PT. Humilhação! Ao invés de chamar tal cidadão pelo que ele realmente é, o presidente de honra do partido que ajudei a fundar, candidato a presidente que defendi por três eleições, convidou este senhor para "debater". Debater o que? Só se for para debater que vantagens políticas existe em ser um gigolô-de-pobre...

... Para mim foi a gota d'água. Expressei minha humilde opinião de que Lula traíra minha confiança e que passaria a considerá-lo um traidor. Tal posição é definitiva, pois foram muitas as atitudes similares de Lula antes que chegasse a essa decisão. Todas as vezes eu ficava irado, mas não ia até as últimas conseqüências. De tanto vacilar nessa questão, foi crescendo uma decisão mais amadurecida. Como muito bem escreveu Juarês Guimarães, a geração a que pertenço não tem mais o direito à ingenuidade. Influenciado por essa constatação, decidi erguer ao mastro a bandeira da nau da qual sou comandante e único marujo: vou me filiar ao PSTU para fazer política partidária...

...No PT existem muitos revolucionários. Mas Lula não é um deles. Muito ao contrário, tudo o que ele faz é passar a imagem que esse partido já está devidamente domesticado para servir aos modernos senhores de escravos. Daí o convite ao gigolô-de-pobre. A mensagem, todavia, não foi dirigida aos pobres, mas aos ricos. Lula tenta se mostrar "aberto ao diálogo" com as mais diversas "correntes de opinião". Desde quando o PFL é uma "corrente de opinião" e não uma quadrilha organizada? O ex-deputado Hildebrando, lembram-se, era de qual partido?...

...Se Lula e ACM se abraçam no "Jornal Nacional", em quem confiar? Somente em nós mesmos, cada um em seu próprio cérebro. Pensar com a própria cabeça é condição de ser livre. Por isso, inclusive, não chamo ninguém a confiar no que acabei de escrever. Ao contrário, chamo a "duvidar sempre", para citar o bom e velho Karl Marx. A refletir e observar. A interpretar o mundo. Mas principalmente chamo a seguir a palavra de ordem marxista: é hora de transformar o mundo! Está passando da hora, aliás...

...Daqui para a frente não mais ficarei discutindo a questão se Lula traiu ou deixou de trair. Cada um que tire sua conclusão. Assumo que perdi a aposta que fiz com a história. A aposta de que o PT poderia se transcrescer em um partido revolucionário. Isso talvez pudesse ter ocorrido. Talvez não. Essa questão, todavia, já pertence aos historiadores. O fato histórico concreto é que o PT não virá a ser um partido da revolução socialista...

...É urgente a necessidade de se construir uma alternativa de poder que derrube a escravidão capitalista hoje reinante no Planeta Terra. Contra a escravidão romana, Spartakus organizou um exército, lutou e morreu. Morrer iria morrer de qualquer forma. E não seria de velhice, pois escravo romano não tinha aposentadoria. Logo terminava a "vida útil" de escravo e o ser humano morria. Igual ao que FHCMI quer para nós brasileiros. Mas Spartakus e todos os que participaram de seu exército morreram livres, não como escravos. Essa foi a grande diferença!

Álvaro Frota,
professor da Universidade Federal da Bahia

Escreva para o Opinião Socialista

Cartas: Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - CEP 04040-030
São Paulo - SP
Fax: (011) 575-6093 **E-mail:** opiniao@pstu.org.br

Visite nossa home page: www.pstu.org.br

O QUE SE VIU

Renato Benvenutti

Manifestação contra a privatização do setor elétrico realizada em São Paulo no último dia 25. O ato bloqueou parte da avenida Paulista e reuniu cerca de mil pessoas.

O QUE SE DISSE

"O PT deveria se chamar PB: Partido da Boquinha. Eles tem mais de 200 cargos no meu governo e estão querendo mais. Periodicamente, o PT tem recaídas muito fortes de fisiologismo."

Anthony Garotinho, governador do Rio de Janeiro.

"Se o partido decidiu sair do governo, eu acho que agiu de forma irresponsável. O Garotinho teve o apoio do PT nas eleições e nós vendemos a idéia para o povo do Rio de que ele era o melhor candidato. Na minha opinião, é e está fazendo um bom governo."

Lula, presidente de honra do PT.

"Vencidas as eleições, precisávamos ter atuado mais em conjunto. Houve uma espécie de corrida, houve uma mentalidade de supermercado. Cada um dos partidos agarrou um carrinho e botou dentro o que quis."

Leonel Brizola, presidente nacional do PDT.

"Somos contra a saída do governo. Há uma crise, mas vamos fazer tudo para reverter esse quadro e estabelecer um entendimento com o governador e os partidos da frente."

José Dirceu, presidente nacional do PT.

"Ele recuou um bocado, mas não sei se é questão de caráter ou de deformação política. Ele não acredita em partidos, é um pequeno caudilho metido a espertalhão."

Arlindo Chinaglia, deputado federal do PT, comentando as declarações de Garotinho que disse que não chamou todo o PT de "partido da boquinha".

"O estatuto é claro, ao prever a suspensão de quem fere decisões das instâncias do partido. O partido deliberou a entrega imediata dos cargos. Então, eles têm que entregar. Se não entregar, punição."

Carlos Santana, deputado federal e presidente do PT do Rio de Janeiro. Frases dos principais protagonistas da crise PT/PDT, pronunciadas entre os dias 23 e 27 de outubro, antes e depois do Encontro Estadual do PT carioca.

ASSINE O OPINIÃO SOCIALISTA

Nome completo

Endereço

Cidade **Estado**

CEP **Telefone**

24 EXEMPLARES	**48 EXEMPLARES**
❑ 1 parcela de R$ 36,00	❑ 1 parcela de R$ 72,00
❑ 2 parcelas de R$ 18,00	❑ 2 parcelas de R$ 36,00
❑ 3 parcelas de R$ 12,00	❑ 3 parcelas de R$ 24,00
❑ Solidária R$	❑ Solidária R$ ....

Envie cheque nominal ao **PSTU** no valor da sua assinatura total ou parcelada para a Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - SP - CEP: 04040-030

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. CGC 73282.907/000-64
Atividade principal 61.81.
Endereço: Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo-SP
CEP 04040-030.
Impressão: Artpress

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Martiniano Cavalcanti, Júnia Gouveia, José Maria de Almeida, Valério Arcary e Carlos Bauer

EDIÇÃO
Fernando Silva

REDAÇÃO
Mariucha Fontana, Celso Lavorato, Marcelo Barba, Wilson H. da Silva, Estela Dominguez

DIAGRAMAÇÃO
Eduardo Lipo, Frederico Rodrigues

E D I T O R I A L

Motivos não faltam

A dívida pública (soma das dívidas do Estado, externa e interna) está em R$ 511 bi, mais de 50% do PIB. Só a nova desvalorização do Real, que já está fazendo a moeda bater na casa dos 2 reais para um dólar, acrescentou a esta sangria quase R$ 15 bi. Não é à toa que também, por conta da desvalorização da moeda, o lucro do banco Itau este ano está na casa de R$ 1,5 bilhão. Não é, claro, coincidência.

O desemprego continua na mesma, ou seja, nas alturas. FHC articula com governadores (com a vergonhosa conivência dos governadores petistas) a cobrança dos inativos. Os preços continuam a subir: tarifas públicas, alimentos, combustíveis, tudo. Este novo confisco do poder de compra já está em um patamar que os trabalhadores, nas campanhas salariais, tratam a questão salarial como prioridade número um. Ao contrário de anos anteriores.

A violência urbana, com destaque para as brutais rebeliões da Febem em São Paulo, normalmente tratadas no âmbito policial-criminal, são a outra face, bárbara, da crise social em que a cartilha de FHC/FMI meteu o país.

Assim caminhamos sob a batuta de FHC: muita grana para banqueiros, multinacionais e grandes capitalistas em geral, e uma vida difícil, dificílima, para a maioria da população.

Ou seja, motivos para protestar contra o governo FHC não faltam. Por isso, todas as energias para realizar um grande 10 de novembro não devem ser poupadas. Embora, atores importantes desta jornada, como o PT, que deveriam estar de corpo e alma empenhados na convocação do dia 10, empenharam-se em seminários com ACM, negociações em torno da cobrança dos inativos, crise com o governador do Rio de Janeiro.

É preciso canalizar a infernal lista de mazelas sociais do país em um grande dia de paralisação nacional e protesto. Para isso, nestes dias que faltam, todos os esforços na convocação da paralisação nacional devem ser empreendidos por todas as entidades e partidos que compõem o Fórum Nacional de Lutas.

Punição para os assassinos de Dorcelina!

O bárbaro assassinato da prefeita petista da cidade de Mundo Novo, no Mato Grosso do Sul, Dorcelina de Oliveria Folador, não pode ser aceito pelo conjunto dos partidos e entidades da classe trabalhadora e do movimento popular. Dorcelina já havia levantado denúncias contra o crime organizado. São grandes as suspeitas que a prefeita petista foi assassinada por denunciar quadrilhas que impunemente agem nas barbas e também por dentro do Estado.

O assassinato de Dorcelina mostra o grau de degradação e corrupção das instituições do Estado burguês, do seu regime, dos partidos da classe dominante, que cada vez mais confundem-se com quadrilhas do crime organizado. Afinal, estamos no país da CPI do Narcotráfico, das máfias dos fiscais, das propinas e etc e tal.

Mas, como se isso não bastasse, estamos também no país da impunidade. Pode-se matar 50 prefeitos (o que já ocorreu nos anos 90), massacrar sem-terra, roubar a vontade os cofres públicos que nada acontece com os "de cima" ou mesmo aos seus capatazes.

Por isso, o **PSTU** vê com simpatia a disposição do MST (de onde veio Dorcelina) e de setores da esquerda petista em tentar responder a este crime com uma tremenda mobilização nacional para exigir apuração e punição dos assassinos e mandantes. Pois é esse mesmo o caminho para acabar com a impunidade no Brasil.

O **PSTU** se solidariza com a dor de todos os militantes petistas, com os familiares de Dorcelina e coloca-se a disposição para estar presente em todas as atividades que forem feitas no sentido de não deixar este crime bárbaro passar em branco.

O P I N I Ã O

Liberdade para Abu-Jamal!

Wilson H. da Silva,
membro da Secretaria
de Negros e Negras do PSTU

Quando fechávamos esta edição ainda estava marcada, para 2 de dezembro, a execução do ex-líder dos Panteras Negras e jornalista norte-americano Mumia Abu-Jamal, condenado, em 1982, à pena de morte, acusado de ter assassinado um policial branco. A prisão, o processo e o julgamento foram marcados por todo tipo de manobras e manipulações .

Desde então, Mumia está no corredor da morte e só não foi executado porque mobilizações em todo o mundo impediram que isto acontecesse. No entanto, mais uma vez sua vida corre perigo. Através de sua execução, o atual governador da Pennsylvania, Thomas Ridge, quer enviar uma claríssima mensagem ao movimento negro, à esquerda e os defensores dos direitos humanos em todo mundo: não adianta lutar.

Para se ter uma idéia da gravidade da situação, cabe lembrar que este é o 171º decreto de morte assinado apenas por este mesmo governador desde 1994 e que, na Pennsylvania, onde apenas **9% da população é negra, 62% dos presos que estão no corredor da morte são afro-descendentes**.

Em todo o mundo já estão acontecendo passeatas, atos e mobilizações contra a execução de Mumia Abu-Jamal. Aqui no Brasil, já ocorreram reuniões e começam a surgir comitês nas principais cidades do país. Conclamamos a todos sindicatos, entidades estudantis, políticas e populares a expressarem seu repúdio à condenação de Mumia, exigindo sua imediata libertação, organizando protestos e enviando mensagens para as entidades internacionais envolvidas na campanha (youth4mumia@hotmail.com — mumia@webcom.com—www.mumia.org ou www.iacenter.org) ou ainda para a sede do **PSTU**, via fax ou e:mail (pstunac@uol.com.br), aos cuidados da Secretaria de Negros e Negras.

R Á P I D A S

◆ **A nova desvalorizaçãs do Real** que está levando a moeda à casa dos US$ 2 fez a **dívida pública** (soma das dívidas externa e interna do Estado) ir ainda mais para as alturas. O aumento foi de R$ 14,174 bilhões. Essa dívida totaliza hoje R$ 511,116 bilhões. Desse total, R$ 398,083 são da dívida interna e R$ 113,032, da dívida externa. Segundo o próprio Banco Central, o total da dívida pública corresponde hoje a 50,5% do PIB.

◆ O **Senado colombiano** não é muito diferente do brasileiro. Lá, eles aprovaram um Orçamento que prevê cortes drásticos em investimentos sociais e congelamento de 70% dos salários do funcionalismo público. Tudo isso para atender as exigências do FMI que quer os cortes para liberar um "empréstimo" de US$ 2,7 bilhões para a Colômbia. Bom, sobre o Senado daqui não é preciso falar muito.

◆ **O governador de Minas Gerais**, Itamar Franco, mudou o estatuto da **Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig)** e irritou os donos do mundo, os norte-americanos. Ele anulou o poder de veto dos sócios privados da estatal. O governo de Minas controla 50,96% do capital com direito a voto. Duas empresa norte-americanas (AES e Southern Eletric) associadas ao banco Opportunity têm por volta de 32% da Cemig. Com a decisão, foram afastados o vice-presidente e dois diretores indicados pelos grupos privados. A embaixada dos EUA divulgou nota protestando contra a decisão do governo de Minas. Devem ter estranhado esse "maus modos", pois, com o governo FHC eles tem tudo o que querem e como querem.

◆ Notícia velha, desagradável e rotineira sob o governo FHC: o **desemprego na Grande São Paulo está na casa dos 19,7%**, segundo o Dieese e a Fundação Seade. Cerca de 1.760 milhão de pessoas estão sem trabalho. Tem mais: o tempo médio de procura de emprego na região subiu para 23 semanas (seis meses praticamente). A propósito: por anda o tal plano de FHC para criar 8 milhões de empregos?

ENTREVISTA Renato Simões, deputado estadual do PT/SP

"Febem está falida e tem que ser extinta"

As rebeliões na Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (Febem) de São Paulo ocorridas este ano já ganharam até repercussão internacional. Para nos falar sobre esta crise da Febem, o porquê de tamanha degradação, que soluções seriam possíveis, o ***Opinião Socialista*** *entrevistou o deputado estadual do PT/SP Renato Simões, que estava na unidade Imigrantes quando da rebelião em que os próprios internos rebelados mataram quatro menores. Renato é também presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa de São Paulo e acabou de apresentar um projeto que prevê a extinção da Febem.*

Opinião Socialista – As recentes e trágicas rebeliões na Febem estão gerando campanhas em rádios e propostas de deputados que abordam o problema sob a lógica da repressão total aos menores infratores – propõem pena de morte, defesa da tropa de choque dirigindo a Febem, diminuição da idade penal para 14 anos, colocar os menores no Carandiru etc. Como você aborda esse problema? É possível construir soluções para a crise da Febem com uma lógica oposta a essa?

Renato – Em primeiro lugar, é preciso identificar que o aumento da violência, o crescimento da criminalidade são produtos de uma década de hegemonia neoliberal, da lógica de cortes, de desobrigação do estado dos serviços públicos e sociais, etc. Isso atinge com muita força a juventude. Por exemplo, a deterioração da educação pública, a falência dos programas de assistência social, o fechamento nos bairros populares dos centros da juventude, centros de lazer, esporte; o emprego, que é praticamente negado à juventude de periferia, principalmente aos jovens negros.

Isso termina em uma completa perda de referenciais. Alimenta o espaço para o crime organizado, que acaba tendo na juventude uma ampla, farta e barata mão de obra. A nossa lógica tem que ser a da ruptura com o modelo neoliberal, com a exclusão social.

O.S. — Mas como focalizar de forma concreta essa questão sem que alguém diga: "mas não dá para esperar a ruptura com esse modelo para resolver esse problema"?

Renato – Exemplo concreto: a lógica da política do governador Covas. Ele está gastando dinheiro para construir 22 penitenciárias, mas fechou escolas e demitiu 40 mil professores. O orçamento do ano 2000 comparado com o de 1998 (último ano executado) tem redução de investimentos em todas as áreas sociais. Todas, com exceção da segurança pública. Quer dizer não se investe para combater a crise pela raiz, investe-se em repressão.

Além disso, 13% do Orçamento está voltado para repasses ao governo federal, para pagar a dívida interna e externa do estado que está federalizada. São R$ 300 milhões por mês, R$ 3,6 bi por ano.

O.S. – Então é o governador que não tem projeto para essa crise?

Renato – De forma geral, sim, Covas não tem política para a crise da Febem. Mas ele tentou militarizar a Febem, ou seja, tentou colocar a PM administrando o sistema. Isso tem um impacto horrível sobre a molecada, gera terror. Por exemplo, a truculência da tropa de choque da PM com as mães dos menores durante a última rebelião da unidade Imigrantes foi a mesma de quando reprimem grevistas para acabar com um piquete: armas em punho, bombas, cães, abrindo corredor na porrada. Essa proposta de militarização não foi adiante porque houve muito protesto.

O.S. – O aumento da freqüência das rebeliões na Febem este ano, inclusive com uma violência cada vez maior, deve-se apenas a essa política geral?

Renato – Não só. O problema é que nunca as relações internas nas unidades da Febem estiveram tão deterioradas. O problema da superlotação é insuportável. O governo não investiu nem na manutenção da atual rede física. Então você tem a seguinte situação: são 300 garotos por dia para tomar banho. Só há um banheiro, cada um tem 30 segundos para o banho. Dois terços dos menores tem doenças de pele por falta de higiene.

As relações estão degeneradas em todos os níveis: a diretoria perdeu a autoridade sobre os monitores, os monitores brigam entre si, os monitores perderam qualquer autoridade sobre os garotos (porque usam a força, batem e ao fazerem isso, acabou), os adolescentes passaram a brigar entre si.

Fotos: Leonardo Colasso

Rebelião na Febem no último dia 25. Acima, menores detidos no final da revolta. Abaixo, PM ataca mães de internos.

O resumo é o seguinte: esta instituição está falida porque não consegue oferecer qualquer possibilidade de recuperação. As próprias rebeliões, que são expressões de resistência dos menores a esse modelo, acabam em tragédias porque não estão canalizadas para um projeto alternativo.

O.S. – Você falou em falência e em alternativa e você está propondo um projeto de extinção da Febem. Para terminar, qual é então o modelo alternativo para a Febem?

Renato – Em primeiro lugar, eu defendo a extinção da Febem porque a estrutura, a concepção e a filosofia desse modelo não permitem qualquer experiência alternativa. Mas aqui é preciso alertar que o líder do PSDB na Assembléia também defendeu, numa reunião com Covas, a extinção da Febem. O problema é que eles querem entrar com a história da criação das organizações sociais para gerir o sistema, é a mesma conversa da reforma administrativa federal, querem privatizar até a área de assistência social.

O que nós queremos a partir da extinção da Febem é um reordenamento institucional na área da criança e do adolescente, com serviços públicos voltados para isso, com a extinção das leis que vêm do período da ditadura, do velho modelo de "penitenciárias para menores", queremos que um novo projeto e modelo sejam elaborados, queremos a revisão dos cortes orçamentários para essa área e as áreas sociais.

Claro que apresentamos também medidas práticas, que incluem o combate à superlotação, a descentralização e regionalização das unidades compatíveis com o Estatuto da Criança e do Adolescente, programas de prestação de serviço à comunidade. Enfim, a Febem precisa ser extinta para dar lugar a uma nova estrutura de atendimento à infância e à juventude, capaz de dar uma oportunidade de vida com dignidade. E dessa forma podemos contribuir para combater, com outra lógica, a violência e a criminalidade.

Governador acusa PT de fisiológico, mas Articulação quer ficar no governo

Só há uma saída digna: romper com Garotinho

Luciana Araujo,
do Rio de Janeiro

A resolução aprovada pelo Encontro Estadual do PT do Rio de Janeiro — de entregar os cargos no governo de Anthony Garotinho — está provocando uma seríssima crise no partido e na própria aliança nacional entre PT e PDT. A resolução foi aprovada pelos delegados dos grupos ligados ao deputado federal Carlos Santana (*Ação Popular* e *Opção Popular*) e pelo *Refazendo* (agrupamento de várias correntes da esquerda petista carioca).

A corrente majoritária, em nível nacional, saiu na defesa da manutenção da aliança com o governo do PDT, especialmente Lula, que deu vergonhosas declarações de apoio a Garotinho acusando seu próprio partido de ser "irresponsável".

Estabelecida a polêmica (a resolução não é clara e deu margem à várias interpretações, por exemplo, e se o governador não aceitasse a demissão dos petistas? Eles saíram assim mesmo ou não?), o Diretório se reuniu no último 31 para decidir qual seria a aplicação de fato dessa resolução. Mas não decidiu.

Como todos sabem, Garotinho fez sérios e duros ataques ao PT. Antes da convenção foi o já famoso "*o partido tinha que mudar o nome para PB — o Partido da Boquinha*" e depois da convenção, "*as portas de meu governo estão mais abertas para os que querem sair, que para os que querem entrar*".

Porém, mesmo assim, se depender da vontade dos principais dirigentes da *Articulação* que estão no governo — Benedita da Silva (vice-governadora), Jorge Bittar (Secretário do Planejamento e negociador da dívida do estado junto a FHC) e Gilberto Palmares (Secretário do Trabalho) — nem por decreto o PT abre mão dessa boquinha...

O fato é que o PT carioca mais uma vez encontra-se dividido. A postura da direção majoritária do PT, na verdade, é a expressão máxima do projeto de "*tornar o PT uma oposição viável, que dialoga*", como defende a vice-governadora Benedita da Silva.

Mas o problema é que desde o resultado do Encontro Estadual o deputado Carlos Santana, eleito presidente do diretório com apoio da esquerda petista, vem se contradizendo.

Zeco Fonseca

Reunião do Diretório Regional no último dia 31

Logo após o Encontro, Carlos Santana foi à imprensa afirmar que a decisão não era de ruptura com o governo. No dia seguinte teve um jantar com Brizola para reafirmar que é a favor da aliança com o PDT e reiterar que a decisão de entregar os cargos tinha a ver com uma "*resposta aos ataques que Garotinho fez ao PT*", deixando a porta aberta à interpretação de que a "entrega dos cargos" seria um ato simbólico, para renegociar em novos termos a permanência e a participação do PT no governo. Carlos Santana precisa dizer exatamente qual é a sua posição.

Para o PT, só é possível uma saída digna para não ter suas bandeiras manchadas neste triste episódio: levar às últimas conseqüências a resolução aprovada no Encontro Estadual e romper com esse governo, cada vez mais afinado com FHC e sua política econômica.

Um novo Cesar Maia

Anthony Garotinho já está trilhando seu caminho. Vai fazer como Cesar Maia (PFL) e Marcello Alencar (PSDB), que se elegeram pelo PDT e depois... Ao mesmo tempo que anuncia sua possível candidatura à presidência da República, Garotinho se encontra secretamente com Paulo Maluf e tem como um dos seus articuladores políticos o ministro dos transportes, Eliseu Padilha (PMDB), envolvido em novo escândalo do governo FHC.

Isso não é novidade no PDT e muito menos na trajetória de Garotinho. Em seus dois mandatos na prefeitura de Campos, Garotinho fez uma série de ataques ao funcionalismo público, principalmente aos professores. Na eleição passada, Garotinho afirmava para quem quisesse ouvir: "*não sou de esquerda, nem de direita. Sou Garotinho.*" Agora, ele está mostrando o que é "ser Garotinho".

O PDT no Rio também nunca representou, de fato, a oposição aos partidos e governos tradicionais da burguesia. Os dois governos de Brizola foram marcados pelos ataques aos movimentos sociais. Suas crias, Cesar Maia e Marcello Alencar, seguiram a mesma linha de arrocho aos trabalhadores e desmonte do movimento organizado.

O papel do Partido dos Trabalhadores não é o de colaborar para construção de um "novo Fernando Collor" na política brasileira ou um novo Cesar Maia no Rio de Janeiro. Desde sua posse, Garotinho esteve ao lado de FHC, como na questão da dívida dos estados e, agora, na cobrança dos inativos. (L.A.)

PSTU propõe frente de oposição

O **PSTU** saudou e manifestou seu apoio à resolução aprovada no Encontro Estadual do Rio. Agora, o chamado que fazemos é no sentido do PT sair e romper efetivamente com o governo estadual. Assim também como o PCdoB e o PCB (que também continuam no governo).

Precisamos organizar um amplo movimento de oposição ao governo Garotinho (o novo Cesar Maia), porque o seu governo tem um destino certo: os braços da convivência e da aplicação do ajuste Malan-FMI.

Será um grave erro se o PT permanecer nesse governo, que já demonstrou mais de uma vez em menos de um ano, não ter qualquer disposição ou vocação para ser uma oposição de verdade ao projeto neoliberal e a FHC.

Temos que unificar o conjunto dos movimentos sindical, popular e estudantil e os partidos realmente identificados com os trabalhadores, na luta contra a reforma administrativa de Garotinho (que será encaminhada por Cláudia Costin, a ex-Secretária de Administração do governo FHC que fez a reforma federal), contra o sucateamento e a privatização da Companhia de Água e Esgoto e dos Hospitais Estaduais, contra a cobrança dos inativos, por mais empregos, melhores salários, pela reestatização do Banerj e das demais estatais privatizadas.

Parar o Brasil e protestar

James Wayne

Mariúcha Fontana,
da redação

Quando fechávamos esta edição, depois do feriadão, faltava uma semana para o dia de paralisação nacional e protesto.

Motivos para parar o Brasil e protestar não faltam. A indignação contra FHC só cresce na rasteira dos aumentos de preços, do arrocho salarial, da nova tentativa de confiscar os aposentados.

No entanto, há muito o que fazer para garantir o sucesso da paralisação nacional. Nas regiões onde está ocorrendo discussão e campanha na base, a receptividade e disposição de adesão é grande. Nos locais e categorias em que estão sendo realizados plebiscitos, reuniões por local de trabalho ou empresa e assembléias, há simpatia e há torcida pela paralisação.

Mas falta um clima geral, o que gera desconfiança. Até agora, a direção majoritária e a maioria dos sindicatos não fez tudo o que deveria ou poderia para realizar uma grande paralisação nacional no dia 10. Há entidades importantes que além de não terem feito nada, não estão com disposição de mover uma única palha para parar sua base e, inclusive, estão boicotando a paralisação. É o caso, por exemplo, da Apeoesp (Sindicato dos Professores Estaduais de São Paulo), cuja diretoria marcou um Encontro sobre Educação que será realizado de 7 a 9 de novembro no interior do estado, ou seja, só chegam em São Paulo dia 10 à tarde. A Oposição está lutando para que tal encontro se encerre dia 8 e que dia 9 a vanguarda esteja nas escolas organizando a paralisação do dia 10.

Apesar disso, há categorias de peso que já confirmaram a paralisação, é o caso dos condutores e metroviários de São Paulo, metalúrgicos do ABC e São José, petroleiros em nível nacional. É o caso dos Correios e dos funcionários da previdência em inúmeros estados, dos também dos professores estaduais do Rio Grande do Sul, dos trabalhadores da construção civil e dos condutores do Ceará, dos condutores do Maranhão. É o caso ainda de professores, funcionários e estudantes de várias universidades públicas, como USP, UERJ, UNB entre outras.

E além disso a Central de Movimentos Populares, o MST e as pastorais sociais da CNBB estão envolvidos na mobilização e preparação dos protestos do dia 10.

Nestes dias que antecedem o dia nacional de paralisação nacional e protestos é preciso realizar muitas atividades de agitação nos grande centros urbanos, nos bairros populares, nas regiões de grandes empresas, centros bancários e comerciais, etc. E é preciso, sobretudo, que os sindicatos trabalhem pra valer pela paralisação, porque ela é possível e necessária. E os trabalhadores organizados só poderão protestar pra valer, no próximo dia 10, se paralisarem suas atividades.

Por isso, o **PSTU** fará todos os esforços pela paralisação e batalhará para que a CUT, os sindicatos e o Fórum Nacional de Lutas joguem pesado para garantir um dia 10 vitorioso.

RIO DE JANEIRO

Construindo o 10 de novembro

Luciana Araujo,
do Rio de Janeiro

No último dia 22 de outubro, os bancários realizaram um dia nacional de lutas e uma greve concentrada no Rio. Fecharam todas as agências bancárias do centro financeiro do estado, com a participação da CUT/RJ e do MST e — com isso — não só reforçaram sua campanha, como deram um grande empurrão na preparação do dia 10.

A PM de Garotinho cumpriu um papel nefasto. Um sindicalista foi ferido e vários outros foram detidos. Mas nada conseguiu ofuscar a vitória da greve, coroada com uma passeata pelo Fora FHC e o FMI. A passeata foi organizada pelo Fórum Estadual de Lutas e reuniu diversas categorias — que se somaram aos bancários — nessa atividade preparatória do dia 10. Carteiros, petroleiros, aeroviários, servidores públicos, estudantes, sem-teto e sem-terra ganharam o centro do Rio no final da tarde convocando a paralisação nacional e exigindo Fora FHC.

À noite, os bancários fizeram seu Encontro Nacional, que reuniu mais de 1.500 trabalhadores. Enrolados desde setembro pelos banqueiros, os bancários dos bancos privados de São Paulo fecharam acordo, conquistando 5,5% de aumento, anuênio e um abono. Os bancários do Rio, no entanto, rejeitaram este acordo e votaram pela continuidade da campanha. Para garantir as reivindicações e também para pressionar os bancos públicos, os bancários do Rio vão parar novamente no dia 10.

No dia 4 — dia nacional de agitação e panfletagem pela paralisação nacional — haverá à noite uma Plenária do Fórum de Lutas do Rio que, além de buscar garantir as paralisações nas diversas categorias, deve também convocar um ato para o final da tarde do dia 10.

No Rio, além dos bancários, já decidiram parar os professores e funcionários administrativos do estado e do município, UERJ, UFRJ, UFF, Colégio Pedro II, servidores da Fundação Nacional de Saúde, funcionários dos Correios, petroleiros, urbanitários e previdenciários. Telefônicos farão assembléia nesta semana.

Rochinha, membro da Executiva da CUT/RJ, informa que a Central começou a fazer uma ampla colagem de cartazes convocando a paralisação e os protestos, colocará outdoor nas ruas e também anúncios na TV. Para esquentar o clima, haverá agitação e panfletagem na Central do Brasil e carreatas no final de semana.

Marcelo Sayão

Bancários e trabalhadores de várias categorias ocuparam o centro de Rio no último dia 22

Petroleiros vão parar

Os petroleiros — mesmo antes da Plenária Nacional da CUT aprovar um dia de paralisação nacional — votaram em seu Congresso um indicativo para que a Central convocasse esse dia. Todas as assembléias de base — nas refinarias e plataformas — aprovaram parar 24 horas no próximo dia 10.

Segundo William Corbo — diretor da Federação Única dos Petroleiros (FUP) e do Sindipetro de Duque de Caxias, Rio de Janeiro — o Conselho Consultivo da FUP, reunido no último dia 3 de novembro, reafirmou a paralisação. Corbo afirmou que "*os petroleiros já estão por parar no dia 10 há muito tempo, têm reafirmado essa decisão em todas as assembléias de base que temos realizado e agora, ademais, a preparação do dia 10 está sendo combinada também com a campanha salarial da categoria, com a luta contra a retirada de direitos que a Petrobrás insiste em impor sobre os trabalhadores dos turnos e o não pagamento de horas extras nos feriados. Por esse motivo, inclusive, os petroleiros pararam no feriado de finados*".

Os petroleiros, que também foram uma das primeiras categorias a votar em Congresso pelo Fora FHC e o FMI, prometem uma forte paralisação no dia 10 contra o governo. **(M.F.)**

Regina Vilela

Renato Benvenutti

Metalúrgicos fazem plebiscito em São José

Os metalúrgicos de São José dos Campos também estão em campanha salarial e combinando esta luta com os preparativos para o dia de paralisação nacional e protestos. Refletindo um processo de retomada das lutas, várias fábricas já fizeram greve e paralisações este ano na cidade e obtiveram vitórias, é o caso da GM, Phillips, Bundy e dezenas de outras fábricas menores.

Na rasteira desse processo, no último dia 26, a Embraer — depois de 8 anos sem fazer greve — parou 100% a produção de aeronaves por duas horas, fazendo uma advertência à empresa e reivindicando 10% de aumento real, 10% de reposição das perdas inflacionárias, redução da jornada de 43 para 36 horas semanais, piso de R$ 870, devolução de 10% do salário descontado pela empresa em 1996, manutenção das cláusulas sociais do último acordo e equiparação salarial para os novos contratados.

Haverá assembléia de todos os metalúrgicos no domingo — 7 de novembro — para discutir a campanha salarial e a possibilidade de greve da categoria se a patronal não fechar acordo.

Em todo esse processo está sendo preparado também o dia 10: com paralisações e protestos. Nesse sentido, o sindicato está realizando esta semana um plebiscito em todas as fábricas sobre o Fora FHC e o FMI e sobre a proposta de parar o Brasil no próximo dia 10.

Haverá ainda uma Plenária de todos os sindicatos, com o movimento popular, para organizar os protestos. E o sindicato jogará também peso na mídia — anúncios na TV reforçarão a convocação da assembléia dos metalúrgicos e também a convocação do dia nacional de paralisação e protestos. *(M.F.)*

Arregaçar as mangas na reta final

A CUT e os sindicatos precisam arregaçar as mangas e jogar pesado para parar o maior número possível de categorias no próximo dia 10 e — com isso — se somar ao MST e à CMP também na realização dos protestos.

Para tanto, é preciso que nestes dias que nos separam do dia 10, a agitação da paralisação ganhe as ruas e também seja preparada com afinco na base.

É preciso ainda, buscar reverter a paralisia de vários sindicatos e também decisões como a da Apeoesp que só torpedeiam a unidade da classe trabalhadora.

Também o conjunto dos partidos operários precisam ter como prioridade nesta reta final a convocação, agitação e preparação do dia 10 de novembro. Fazemos um chamado especial ao PT, que é o maior partido da classe trabalhadora, para que coloque toda sua força na realização do dia de paralisação e protestos. Os governadores, prefeitos e deputados petistas — se quiserem — têm um poder grande de mobilização e precisam exercer esse poder. Pois — se são de oposição — não pode ser que quando os trabalhadores estão chamando uma ampla mobilização contra o governo, os deputados e governadores petistas estejam empenhados em negociar com FHC o ajuste do FMI e a cobrança de taxas sobre os aposentados.

Vamos botar o bloco na rua e fazer um grande dia de paralisação e protestos. Vamos parar o Brasil.

Renato Benvenutti

ARGENTINA *Peronismo foi o grande derrotado nas eleições presidenciais*

Eleições marcam fim da era Menem

Alejandro Iturbe,
de Buenos Aires

Fernando De la Rúa, candidato da Aliança Unión Cívica Radical-Frepaso[1], derrotou amplamente o peronista Eduardo Duhalde nas eleições presidenciais de 24 de outubro. Em terceiro lugar, ficou o ex-ministro da Economia, Domingo Cavallo. Foi uma clara expressão do "voto de castigo" contra as conseqüências econômicas e sociais dos 10 anos do governo de Carlos Menem e a corrupção escancarada que o caracterizou.

Contrariando o desejo de mudança, ainda que moderado, da maioria dos argentinos, poucas horas após o triunfo, o futuro presidente já preparava um duro ajuste econômico e chamava o peronismo a ter "políticas consensuais".

O grande vencedor destas eleições foi o radicalismo que, em 1995, havia sido relegado ao terceiro lugar atrás do Partido Justicialista (peronista) e da Frepaso. Mas a reação da população após os comícios ficou muito longe da euforia de 1983, após a queda da ditadura militar ou de 1989, quando Menem ganhou. Somente alguns milhares de militantes aliancistas festejaram. Em geral, há muito ceticismo em relação às mudanças.

O peronismo, com a porcentagem de votos mais baixa de sua história, é o grande derrotado nestas eleições: perdeu o governo nacional, numerosos deputados e os governos de várias províncias do interior do país. É certo que manteve o poder na estratégica província de Buenos Aires (e em eleições antecipadas ganhou em Santa Fé e Córdoba). Mas isto não compensa as perdas sofridas.

Este resultado eleitoral é uma expressão da ruptura irreversível na relação do peronismo com a classe trabalhadora (que dirigiu durante décadas) ainda que grandes setores da classe votam nos peronistas. No aparato peronista, a crise seguramente será muito mais aguda. Menem e Duhalde já responsabilizaram-se mutuamente pela derrota.

Por sua parte, o governador da província de Buenos Aires, o peronista Carlos Ruckauf, fez declarações conciliadoras a De la Rúa. Aponta, assim, para a necessidade, que terá, de chegar a acordos com o futuro presidente nos planos de ajuste e nos recursos que precisará para governar a sua província. Uma atitude similar está sendo adotada pela peronista CGT: ofereceu ao futuro presidente "um ano de trégua" em troca da manutenção do controle dos Fundos das Obras Sociais.

Devemos recordar que depois de 1983, após a derrota para Alfonsín, o peronismo se dividiu em duas frações. É muito possível que essa situação se repita agora numa escala maior, com vários dirigentes e setores apostando no "salvem-se quem puder".

Frepaso: um gol a favor e outro contra

O resultado das eleições foi altamente contraditório para esta força política. Por um lado, foi parte da lista que ganhou em nível nacional e elegeu numerosos deputados. Mas, pelo outro, Graciela Fernández Meijide (sua única candidata a algum cargo executivo) perdeu a disputa pelo governo de Buenos Aires. Possivelmente, isto aconteceu por causa das acusações de "atéia, anticlerical e pró-aborto" feitas por seu rival, Ruckauf (acompanhadas por uma campanha da Igreja) e ao apoio que deu Cavallo à candidatura peronista.

O certo é que esta derrota acentuará a crise desta força política. A Frepaso nasceu com um perfil de centro-esquerda e a proposta de romper com o bipartidarismo. A formação da Aliança junto com a UCR já significou uma clara direitização de seu perfil, o que se acentuou com o triunfo de De la Rúa nas prévias internas. Abriu-se, assim, uma contradição entre esse giro dos dirigentes e um importante setor de quadros e militantes, provenientes dos sindicatos, da esquerda e do "peronismo combativo".

Elementos de ruptura já podem ser vistos, como na divisão da direção do sindicato de professores do município de La Matanza.

A derrota da Frepaso na província de Buenos Aires deixou a sensação em muitos militantes de que "terminamos trabalhando para os radicais".

Neste marco, é muito importante a atitude que tomará a central sindical CTA[2], cuja direção trabalhou claramente a favor da Aliança, e seus sindicatos são majoritariamente de trabalhadores estatais, que serão os mais afetados pelo futuro ajuste.

---

[1] União Cívica Radical – Um dos dois principais partidos (junto com o peronismo) da burguesia argentina. Seu candidato presidencial encabeça, atualmente, o governo municipal da Capital Federal.
Frepaso: ruptura do peronismo, junta um importante setor do chamado "peronismo combativo", ex-militantes do PC e de outras forças de esquerda e a maioria do dirigentes sindicais da CTA (Central dos Trabalhadores Argentinos).

[2] CTA: Central dos Trabalhadores Argentinos. Central que surgiu de uma ruptura com a CGT.

AFP

Argentinos comemoram vitória da oposição

"Pacotaço" está a caminho

Além desta análise e hipótese, uma coisa é segura: o imperialismo e a burguesia tentarão aproveitar as eleições para descarregar sobre as costas dos trabalhadores o custo da crise econômica. O futuro ministro da Economia, José Luis Machinea, já anunciou um corte de US$ 2,5 bilhões no Orçamento do próximo ano e a necessidade de aumentar a arrecadação de impostos em outros US$ 2 bilhões para cumprir com as metas prometidas ao FMI, como requisito para refinanciar a dívida externa.

Junto com isto, a decisão de manter a paridade 1 peso = 1 dólar, obriga a burguesia e o governo a ter que rebaixar duramente os custos trabalhistas para melhorar a competitividade dos produtos argentinos. O que significa rebaixamento salarial e maior flexibilização.

Isto, no marco de uma crise política e institucional que as eleições atenuaram, mas não eliminaram. Apesar da montanha de votos que recebeu, o governo de De la Rúa será um governo débil. Consciente disto — e seguindo os conselhos do imperialismo e dos setores burgueses mais importantes — já começou a colocar a necessidade de "políticas consensuais" com o PJ e Cavallo. Quer dizer, trabalhar juntos por este "pacotaço", possivelmente no Congresso.

La Nación/AP

Fernando de la Rua

Mas, tudo o que ocorreu este ano indica que não será muito fácil. Possivelmente desde seu início, o governo de De la Rúa terá que enfrentar a resistência dos trabalhadores e do povo. A melhor prova disto é que em 28 de outubro, a quatro dias do triunfo do candidato radical, aconteceu uma greve dos professores da capital federal exigindo que o governo municipal (encabeçado por De la Rúa) retirasse uma lei contra os direitos trabalhistas dos funcionários municipais. (A.I.)

Enrique Marco

Protesto contra governo Menem em maio passado

Esquerda não teve candidato único

A esquerda se apresentou dividida nestas eleições. Mas, apesar desta divisão, conseguiu uma boa votação de conjunto, com 557.426 votos, 3% do total. Além disso, há uma dinâmica de crescimento: em 1995, conseguiu 1,77% e em 1997, 2,5%. O que mostra que uma candidatura unificada, com um perfil operário e combativo, como era a proposta da **Frente de Lucha Socialista (FLS)** teria permitido criar um polo de referência muito mais sólido e significativo.

Neste marco, a *Izquierda Unida* (frente formada pelo *Movimiento Socialista de los Trabajadores* e *Partido Comunista*) obteve a maior votação, com bons resultados na Capital Federal (1,8% para presidente e 2,5% para os deputados) e nos distritos da Grande Buenos Aires, com cifras superiores a 1,5%.

Outro dado importante é o fracasso do projeto eleitoral do *Partido Obrero* de Jorge Altamira, que se negou a qualquer proposta unitária e se jogou claramente na tentativa de superar todas as outras correntes de esquerda. Mas houve um claro retrocesso sobre as eleições anteriores. Outras correntes, como o PTP (ex-maoístas) e o MAS, defenderam o voto em branco.

Os militantes da **Liga Internacional dos Trabalhadores**, agrupados na **Frente de Lucha Socialista (FLS)**, participaram das listas de *IU* com candidatos a deputados nacionais e candidatos municipais em distritos da Grande Buenos Aires. Em três municípios (Bahía Blanca, Zárate e Comodoro Rivadavia) os candidatos da **FLS** encabeçaram as listas municipais.

A **FLS** participou de tarefas de agitação, pixações e esteve presente, com militantes e oradores, nos atos de encerramento da campanha na Capital Federal, Bahía Blanca e Comodoro Rivadavia. Também colaborou nas tarefas de fiscalização da votação.

A **FLS** atuou especialmente nas campanhas em Bahía Blanca e Comodoro Rivadavia. O conjunto da campanha permitiu abrir e fortalecer o trabalho político. Por sua vez, a incorporação de novos companheiros nas atividades e a recuperação de ex-militantes, permitem a possibilidade de um crescimento nas fileiras da LIT na Argentina. **(A.I.)**

◆ **Resultados eleitorais da esquerda**

Partido	Votos	%
Izquierda Unida[3]	158.028	0,85
Partido Humanista	131.902	0,71
Partido Obrero	113.669	0,61
Frente de la Resistencia	66.603	0,36
P. de los Trab. Socialistas	43.857	0,24
P. Socialista Auténtico	43.367	0,23
Total	527.426	3,00

[3] Nas eleições para governador de Córdoba (realizadas antecipadamente), a Unidade Popular encabeçada pelo dirigente do CTA, Luis Bazan e integrada por Izquierda Unida e a Frente de la Resistencia, conseguiu 2,5% dos votos.

10 anos de Menem arrebentaram o país

Marcelo Barba
da redação,

A eleição do radical De la Rúa para a presidência significou um voto de protesto dos trabalhadores argentinos contra os dez anos da Era Menem. Neste período, a Argentina foi a vanguarda na aplicação do receituário neoliberal do FMI. Pode-se contar nos dedos as estatais que não foram privatizadas. O funcionalismo estatal foi atacado furiosamente e os serviços públicos sofreram reajustes altíssimos.

O resultado pode ser visto nas ruas de qualquer cidade argentina: um desemprego que chega aos 30% (incluindo os subempregados) e a dívida externa dobrou, passando de US$ 69 bilhões para quase US$ 150 bilhões. A reestruturação produtiva na indústria foi outro responsável pelo aumento da desocupação.

Mesmo os que conseguem emprego ainda são obrigados a trabalhar sob as piores condições das últimas décadas.

Quando Menem assumiu, os 10% mais ricos do país ganhavam 15 vezes mais que os 10% mais pobres; hoje ganham 25 vezes a mais. Cerca de 25,9% da população da Grande Buenos Aires vive na pobreza (os que ganham até 495 pesos por mês).

Durante os dez anos de governo Menem, diversos direitos sindicais e trabalhistas foram perdidos, muitos deles com a conivência dos dirigentes sindicais. A aprovação do contrato temporário, a restrição ao direito de greve e a redução das indenizações por acidente, foram algumas das perdas que não só atacaram a classe trabalhadora mas também enfraqueceram os sindicatos.

Por outro lado, a dependência da economia argentina dos investimentos externos aumentou muitas vezes nesta década. A paridade dólar-peso levou a uma perda enorme do poder aquisitivo da população, mas Menem ainda queria mais e apresentou como proposta, poucos meses antes da eleição, a adoção pura e simples da moeda norte-americana como moeda nacional, com todas as suas consequências. Seria o mesmo que tornar-se um Estado associado ao estilo de Porto Rico, ou seja, uma colônia. Seria mais fácil já propor a pura e simples transformação da Argentina no 51° estado norte-americano.

A submissão total aos interesses ianques também ficou evidente na aproximação militar entre os dois países. A Argentina de Menem foi o único país latino-americano a participar da Guerra do Golfo, apoiou irrestritamente o bombardeio da Iugoslávia e pediu a entrada do país na OTAN (o que foi negado pelos EUA).

A formação do Mercosul junto com o Brasil significou um porto de escoamento de suas mercadorias, mas a dependência do mercado brasileiro é tão grande que a crise do Real neste ano aprofundou os problemas argentinos. A luta por proteção dos mercados voltou, junto com as tarifas alfandegárias. A situação é tão complicada dentro do Mercosul que os governos dos dois países falam agora em "reconstruir" o Mercosul.

Ressuscitando os Radicais

O resultado da votação do dia 24, com a derrota humilhante do peronismo no primeiro turno, mostra que os trabalhadores deram um basta a toda esta situação.

Mas a eleição de Fernando De la Rúa, do tradicional partido burguês Unión Cívica Radical, não irá significar uma mudança radical nesta situação, pelo contrário.

O programa de governo e o ministério do novo presidente já apontam para a manutenção da política neoliberal com aprofundamento dos ataques aos trabalhadores para o cumprimento das metas impostas pelo FMI.

Estas eleições também mostram o papel da Frepaso. Surgida como uma ruptura que lutava contra a política neoliberal do peronismo no início dos anos 90, o partido liderado por Chacho Alvarez (hoje vice-presidente) ajudou a ressuscitar a UCR (que, nas últimas eleições havia ficado em 3° lugar com apenas 17%) e será co-responsável por uma política que, pelo menos retoricamente, era contrária.

C H I N A 50 anos após expropriação da burguesia, país vive sob brutal capitalismo

Da revolução ...

No dia 1º de Outubro de 1949 era proclamada a República Popular da China, o país mais populoso do mundo. Durante décadas a "via chinesa para o socialismo" atraiu trabalhadores e intelectuais do mundo todo e influenciou outras revoluções, principalmente na Ásia.

Mas 50 anos depois, a China se destaca por outro tipo de impacto. O país vive um grande crescimento econômico, uma média de 10% ao ano nos últimos cinco anos, às custas de injeções brutais de capitais imperialistas, que forçam uma restauração acelerada do capitalismo. Para os trabalhadores, principalmente os mais jovens que começam a despertar para as idéias socialistas, é muito importante realizar um balanço de um acontecimento tão transcendental e contraditório.

Bernardo Cerdeira,
membro da Secretaria Nacional de Formação do PSTU

A revolução chinesa, ao lado da russa, foi uma das duas maiores revoluções deste século. Significou, sem dúvida, uma enorme vitória para os trabalhadores e oprimidos de todo o mundo. Na época, rompeu o isolamento da União Soviética e deu impulso à outras revoluções socialistas, como a da Indochina em 1954. A repercussão foi tão grande que a simples existência da República Popular da China provocou uma ampla reação do imperialismo, que levou à eclosão de duas guerras, a da Coréia nos anos 50 e a do Vietnã nos anos 60 e 70.

A expropriação da burguesia no país mais populoso do mundo possibilitou o fim da fome, da escravidão da mulher e da rapina imperialista do país, que eram constantes desde o começo do século 19. A revolução instituiu as comunas camponesas, resolvendo o milenar problema da terra no país.

Essa expropriação da burguesia permitiu o primeiro grande salto no desenvolvimento da China. O crescimento industrial foi enorme para um país de economia agrária. Em 1958 a China passou a ser o terceiro produtor mundial de carvão, superando a Grã-Bretanha e a Alemanha Ocidental. A classe operária atingiu cerca de 20 milhões de trabalhadores nesse ano.

Essa mudança foi mais notável porque no momento da revolução a China era um país de economia totalmente camponesa. A incipiente classe operária que se formara a partir do final do século 19, nas grandes cidades como Xangai, tinha sido destruída a partir da ocupação japonesa. Os japoneses chegaram a transportar fábricas inteiras para o Japão para ajudar em seu esforço de guerra.

Esse foi um dos motivos para que a revolução chinesa fosse protagonizada pelo campesinato pobre. Outras revoluções como a do Vietnã se deram da mesma forma. Aparentemente esse fato negava um dos postulados marxistas de que a revolução socialista seria conduzida pelo proletariado industrial.

O que aconteceu foi que, depois da 2ª Guerra Mundial, em países agrários submetidos a condições de bancarrota econômica, os camponeses levados a uma situação de extrema miséria, cumpriram as tarefas de um proletariado ausente.

Apesar do desenvolvimento econômico e das conquistas, a República Popular da China sofreu desde o primeiro momento uma contradição: o estado foi construído sob o regime de partido único, seguindo o modelo do regime stalinista. Ou seja, um estado operário burocrático, deformado, porque nasceu sob o domínio da burocracia.

A gestão burocrática da economia foi a grande responsável por desastres econômicos. Em 1958 Mao Tse-tung, diante da crescente insatisfação dos operários com os privilégios da burocracia, tentou uma política de industrialização do campo que pretendia criar pequenas fundições de aço nas comunas para produzir ferramentas. Essa política desorganizou totalmente a agricultura e produziu uma fome generalizada que matou milhões de camponeses.

A necessidade de manter o poder para garantir seus privilégios levaram os diferentes setores burocráticos a enfrentamentos permanentes que foram um dos motivos para o atraso econômico da China. Os enfrentamentos burocráticos com a União Soviética levaram ao rompimento em 1961, prejudicando a China que antes se beneficiava dos acordos econômicos.

No começo da década de 70, Mao adota a política de convivência e colaboração com o imperialismo americano. A visita do então presidente dos EUA, Richard Nixon à China em 1972 foi o ponto alto desta colaboração.

Após a morte de Mao, vence a ala restauracionista dirigida por Deng Xiao-ping. A China passou a ser então o primeiro estado operário burocrático de peso à adotar uma política abertamente restauracionista.

René Burri

Mao Tse-tung com camponeses em foto dos anos 50

Um século de guerras e revoluções

1900 — Guerra dos Boxers. Revolta dos nacionalistas chineses contra estrangeiros e missionários cristãos, sufocada por tropas ocidentais e japonesas.

O médico Sun Yat-sen funda o Partido Nacionalista (Kuomintang) que se opõe à Monarquia e à dominação estrangeira.

1911 — Proclamada a República. Sun Yat-sen é proclamado presidente provisório, apoiado por militares nacionalistas.

1922 — Fundado o Partido Comunista Chinês, dirigido por Chen-Tu-hsiu.

1925 — Morre Sun Yat-sen e o Partido Comunista Chinês, seguindo ordens da Terceira Internacional, já sob direção de Stálin e Bukhárin, se alia ao Kuomintang.

1926 — Insurreição operária de Xangai, dirigida pelo Partido Comunista é reprimida pelo Kuomintang, liderado agora por Chiang Kai-shek. O Kuomintang massacra dezenas de milhares de operários e comunistas.

1931 — O Japão invade a Manchúria (região ao norte da China).

1934/35 — Batendo em retirada frente ao cerco do Kuomintang, Mao Tse-tung lidera 90 mil comunistas na Grande Marcha de 9 mil quilômetros em direção ao norte.

1945 — Derrota do Japão na 2ª Guerra Mundial. Recomeça a guerra civil na China.

1949 — Em janeiro, Mao entra em Pequim e no dia 1º de Outubro era proclamada a República Popular da China. Chiang Kai-shek foge para Taiwan.

1958 — Mao lança o Grande Salto para a Frente, programa de industrialização que fracassa.

1966 — Mao estimula a Grande Revolução Cultural, manipulando a insatisfação de estudantes e operários, para derrubar os líderes chineses moderados, como Deng Xiao-ping, e voltar ao poder.

1972 — Visita de Nixon a China.

1976 — Morte de Mao Tse-tung.

1978 — Deng Xiao-ping consolida seu poder.

1979 — Estados Unidos e China estabelecem relações diplomáticas completas.

1989 — Revolta estudantil com a ocupação da praça Tien-An-Men durante dias. O regime reprime violentamente o movimento matando milhares de estudantes e prendendo seus líderes.

C H I N A

... À restauração

A China vive hoje um avançadíssimo processo de restauração do capitalismo. O elemento mais importante, o motor da restauração, foi a penetração de capitais imperialistas. Na década de 70 foram criadas as famosas Zonas Especiais onde vigoram relações de produção totalmente capitalistas. Nas últimas duas décadas vem ocorrendo um processo acelerado de privatização da economia. Em 1979 existiam 300 mil empresas privadas, hoje são 22 milhões.

A restauração significa uma verdadeira colonização do país. As grandes multinacionais imperialistas estão investindo para explorar o imenso mercado interno chinês e em muitos casos para exportar produtos "made in China" fabricados com força de trabalho barata.

Hoje, há mais de 200 multinacionais com investimentos na China: 53 entre as cem primeiras multinacionais do mundo estão lá, 28 entre as 50 maiores multinacionais norte-americanas já têm escritórios em Pequim.

A base da restauração é uma imensa exploração da classe operária e do campesinato. Os trabalhadores chineses recebem um dos salários mais baixos do mundo. O salário mínimo em Pequim é de US$ 30 (cerca de R$ 60). Mas em regiões mais distantes, como Xinjiang, esse mínimo é de US$ 19,5 (cerca de R$ 39). A jornada de trabalho é uma das mais longas do mundo.

Para extrair essa imensa massa de mais-valia foi preciso criar um enorme exército de desempregados que aumenta a disputa por cada posto de trabalho, permitindo que se paguem salários baixíssimos.

Como tudo na China, o fenômeno do desemprego atinge proporções impressionantes. Cifras oficiais admitem 3,1% de desemprego nas cidades (12 milhões de trabalhadores numa população de cerca de 409 milhões de habitantes das zonas urbanas). Mas o verdadeiro desemprego está no campo. O próprio governo admite a existência de um exército de 100 milhões de camponeses vagando pelo país em busca de trabalho. Isso em um país onde a população economicamente ativa é de 718 milhões de pessoas.

O estado é esteio e estímulo para essa acumulação primitiva de capital. A mão de obra barata pode existir porque ainda há um salário social garantido pelo estado e pelas empresas estatais. O mesmo acontece com as vantagens obtidas pelas empresas privadas. Elas só são possíveis por meio do sacrifício das empresas estatais e do estado. As empresas estatais, ao contrário das privadas, arcam com impostos elevados, com a pensão dos seus aposentados, e com serviços sociais e, além disso, são obrigadas a disputar com as empresas privadas e com as multinacionais de acordo com as leis de mercado.

Essa situação só pode ser mantida porque a burocracia estatal, através da repressão, garante o baixo custo da mão de obra, que em muitos casos é praticamente escrava. Os que protestam são presos, e até executados. O governo chinês admite a existência de 2.050 presos políticos, mas grupos pró-direitos humanos calculam que o número de prisioneiros chega a 10 mil. **(B.C.)**

Arquivo

China em números

População	1,255 bilhão	
PIB	US$ 928,9 bilhões	
Renda per capita	US$ 740 dólares	
% do PIB	Indústria, 49%; Agricultura, 18%; Serviços, 33%.	
Dívida externa	US$ 128,8 bilhões	
Distribuição de renda	20% mais pobres 20% mais ricos	5,5% da renda 47,5% da renda

Uma nova e uma velha burguesia

A acumulação primitiva de capital está criando uma nova burguesia na China. Em sua maioria os burgueses têm origem nos quadros da burocracia que enriquecem. Outro fator importante da restauração capitalista é a existência de uma poderosa burguesia chinesa no "exílio" (Hong Kong, Cingapura, Taiwan, Indonésia, Filipinas, Malásia, etc) que soma cerca de 30 milhões de pessoas e detêm um enorme capital. Calcula-se que essa burguesia controla em torno de US$ 2,5 trilhões (quase a metade do PIB dos EUA). Esta burguesia é a que fez a maior parte dos investimentos na China, principalmente a partir de Hong Kong (US 67,3 bilhões) e Taiwan (US$ 9,8 bilhões).

O resultado da restauração capitalista é um enorme crescimento das desigualdades sociais. Hoje na China, os 20% mais ricos detêm 47,5% da renda nacional enquanto os 20% mais pobres têm apenas 5,5%. A renda da população rural chinesa (70% do total) caiu 10% nos últimos 10 anos enquanto a renda da minoria urbana cresceu e já representa 70% da renda total.

Essa situação tem gerado resistência. A sua maior expressão política foi a revolta estudantil da praça Tien-An-Men em 1989. O massacre da praça e a conseqüente derrota do movimento de massas, permitiu por sua vez um aprofundamento e uma aceleração da restauração. (B.C.)

No caminho da dependência

Apesar deste quadro, muitos intelectuais e dirigentes de esquerda afirmam que a China está tendo um desenvolvimento espetacular, que isso seria o mais importante porque permitiria um bem estar crescente da população, e que esse desenvolvimento econômico fortaleceria a construção do socialismo, na medida em que o processo está sendo controlado pelo estado..

A introdução do capitalismo imperialista fez com que o desenvolvimento trouxesse de forma aguda as contradições típicas do capitalismo: desemprego, desigualdades sociais, perda de conquistas. Analisando este quadro de conjunto só podemos chegar a uma conclusão: hoje a China é um país capitalista.

Mas há outra pergunta: a China será uma grande potência mundial, rivalizando com os Estados Unidos? Em nossa opinião, ao contrário, a China é um país que caminha a passos acelerados para ser uma semi-colônia do imperialismo.

O grande desenvolvimento alcançado atualmente tem pés de barro. Isso porque está baseado em enormes investimentos externos em indústrias de bens de consumo baratos, cuja produção está direcionada para a exportação. Basta que os investimentos cessem ou que as exportações diminuam para que se instale uma grave crise. Por outro lado, os investimentos têm gerado uma enorme dívida externa que aumenta a dependência do país do imperialismo.

Há uma alternativa? Hoje só uma nova revolução socialista seria capaz de atender as reivindicações dos trabalhadores e acabar com a exploração, o desemprego e as desigualdades sociais. A história já mostrou, com a própria China, que é possível um extraordinário desenvolvimento sob uma economia de transição ao socialismo. Mas sob a condição de que um estado operário sirva como alavanca para impulsionar a revolução socialista mundial, para derrotar o imperialismo e não, como no caso da China atual, para restaurar o capitalismo. **(B.C.)**

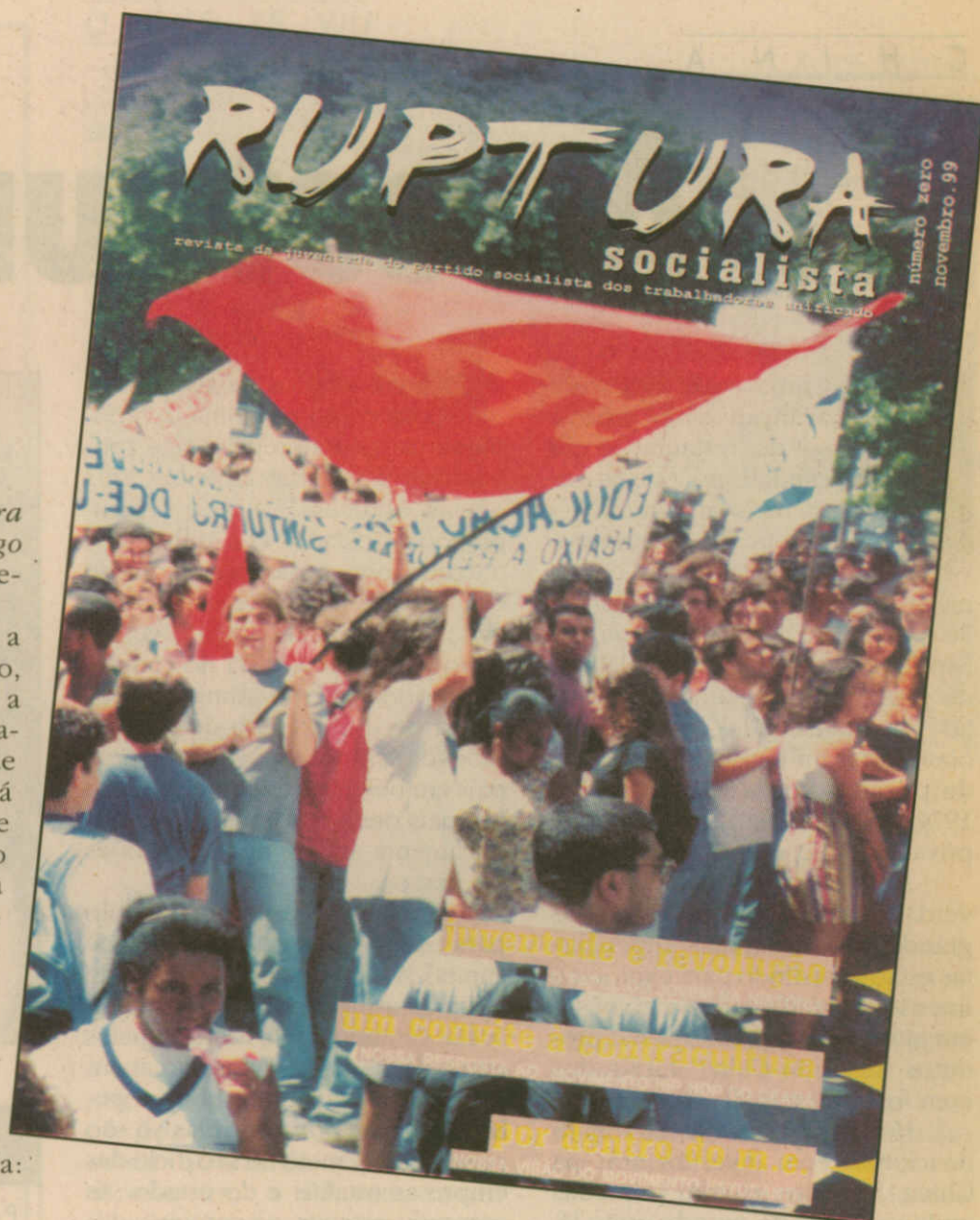
P A R T I D O

Juventude lança revista

Saiu o número zero da revista **Ruptura Socialista**, publicação da *Juventude do PSTU*. Logo na sua primeira edição, a revista diz a que veio:

*"Lançamos uma revista que busca discutir com paixão, profundidade e independência a vida como ela é e como é inadiável transformá-la. Enquanto a política for um privilégio da burguesia e seus políticos, vagaremos entre a lama e o caos. O analfabeto político só serve à manutenção e reprodução do sistema. **Ruptura** é uma revista que propõe virar o mundo de ponta cabeça, para acabar com a opressão e a exploração. É uma revista internacionalista porque nenhuma pátria nos pariu. Nossa nação é a classe trabalhadora de todo o mundo. Nosso inimigo é o capitalismo"* (trechos da apresentação da revista).

Nessa sua primeira edição, a revista aborda vários temas como, a violência contra a juventude, a crise da educação pública no Brasil, o papel histórico da juventude nos processos de revolução e há também uma resposta ao convite feito pelo movimento hip-hop do Ceará para que toda a esquerda revolucionária faça parte da criação de um amplo movimento de contracultura.

Se você quiser adquirir a revista, entre em contato com as sedes do **PSTU**, ou peça para o companheiro que lhe entrega este jornal. Não deixe para depois, o preço é camarada: apenas R$ 2.

F O R T A L E Z A

Construção Civil faz Congresso

Regional PSTU,
Fortaleza (CE)

Aconteceu, nos dias 22, 23 e 24 de outubro, o 4º Congresso dos Trabalhadores na Construção Civil de Fortaleza e Região Metropolitana, que foi precedido de assembléias em mais de 150 canteiros de obra onde foram eleitos 217 delegados e 118 suplentes, sendo que se credenciaram 95 operários.

Das quatro teses apresentadas, a do Partido Revolucionário dos Trabalhadores pela Emancipação Humana (Part) não elegeu nenhum delegado e não foi ao congresso, a *Alternativa Sindical Socialista (ASS)* credenciou 25 delegados; a tese do PCB, junto com a corrente petista *O Trabalho*, dois delegados e o **Movimento por uma Tendência Socialista (MTS)**, 68 delegados.

O **PSTU**, além de ativa participação no Congresso, como parte do **MTS**, realizou uma palestra sobre a situação na Colômbia com mais de 30 pessoas. O partido falou na abertura do Congresso, organizou uma banca com seus materiais e discutiu a filiação com 15 delegados.

No ponto internacional, foram aprovadas moções de repúdio ao golpe militar no Paquistão, pela independência do Timor e contra a intervenção da ONU, bem como a campanha contra a intervenção norte-americana na Colômbia.

As resoluções de conjuntura nacional foram todas por consenso: Fora FHC e o FMI, eleições gerais já. Também foi aprovado que a categoria vai parar no dia 10 de novembro como parte da paralisação nacional convocada pela CUT.

Sobre a postura do sindicato nas eleições municipais do próximo ano, foi aprovado por consenso o apoio à candidatura de Inácio Arruda (PCdoB) e Artur Bruno (PT) sem a burguesia (PMDB, PDT, PSB etc) e também o apoio prioritário à candidatura de Raimundão (do **PSTU**) para vereador.

Em estrutura sindical as resoluções mais importantes foram: aprovação por consenso da retirada da CUT e dos sindicatos cutistas do gerenciamento do FAT, aprovação da direção colegiada, proporcionalidade direta e qualificada na convenção para compor chapa unitária às eleições sindicais, antecipação do término da atual gestão e estabelecimento de um mecanismo de devolução do imposto sindical obrigatório.

O encerramento foi ao som do hino da Internacional, coroando assim as resoluções definidas nesse Congresso.

Faleceu um dos nossos

No dia 9 de outubro faleceu o companheiro José Evandro Barbosa Vieira. Com 37 anos, era pai de três filhos, pedreiro da construção civil, ativista das greves e diretor do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Fortaleza a partir de dezembro 1997. Ingressou nas fileiras do PSTU em 1998.

Evandro era daquelas pessoas que além da disposição de luta sempre contagiava a todos com seu senso de humor. Queremos prestar nossa homenagem a este camarada, manifestar nossa solidariedade a esposa, filhos e demais familiares. E a melhor forma que temos para manifestar este sentimento é manter-se firme na luta.

Camarada Evandro, até o Socialismo!

Aqui você encontra o PSTU

Sede nacional: R. Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - tel (011) 575-6093

Alagoinhas (BA): R. Anézio Cardoso - Ed Azi sala 105

Aracajú (SE): R. Acre, 2309 - bairro Siqueira Campos - CEP 49075-020

Belém (PA): R. Domingos Marreiras, 732 - bairro Umarizal CEP 66055-210 - pstu-pa@ interconect.com.br

Belo Horizonte (MG): R. Carijós, 121, sala 201 - tel (031) 213-3316 - Av. Afonso Vaz de Melo, 249 - Barreiro - pstumg@net.em. com.br

Brasília (DF): SCLRN 706 - Bloco C - Loja 46 - Asa Norte - CEP 70740-513

Florianópolis (SC): Av. Hercílio Luz, 820 - Centro - tel. (048) 223-8511

Fortaleza (CE): Av. da Universidade 2333 - Centro - tel (085) 221-3972

Goiânia (GO): (062) 225-6291

Macapá (AP): Av. Presidente Vargas, 2652 - Bairro Sta. Rita - tel (096) 242-3497 - e-mail: pstuap@tvsom.com.br

Maceió (AL): R. Inácio Calmon, 61 - Poço - tel (082) 971-3749

Manaus (AM): R. Emílio Moreira, 821-Altos Centro - tel (092) 234-7093

Natal (RN): Av. Rio Branco, 815 Centro

Nova Iguaçu (RJ): R. Cel. Carlos de Matos, 45 - Centro

Ouro Preto (MG): R. São José, 121 Ed. Andalécio - sala 304 - Centro

Passo Fundo (RS): R. Tiradentes,25 - Centro - CEP 99010-260

Porto Alegre (RS): R. Salgado Filho, 122 - Cjto. 51 - Centro

Recife (PE): R. Leão Coroado, 20 - 1° andar - B. da Boa Vista - tel (081) 222-2549

Ribeirão Preto (SP): tel (016) 637-7242

Rio Grande (RS): tel (053) 9977-0097

Rio de Janeiro (RJ): Travessa Dr. Araújo, 45 - Pça da Bandeira - tel (021) 293-9689

São Bernardo do Campo (SP): R. Marechal Deodoro, 2261

São José dos Campos (SP): R. Mario Galvão, 189 - Centro - tel (012) 341-2845

São Leopoldo (RS): R. São Caetano, 53

São Luís (MA): tel (098) 246-3071

São Paulo (SP):
- R. Nicolau de Souza Queiroz 189 - Paraíso - tel (011) 572-5416
- Zona Sul: R. Tenente Coronel Carlos Silva Araújo, 181-sala 15 - Santo Amaro - CEP 04751-050
- Zona Leste: tel (011) 6944-3128

Terezina (PI): R. Olavo Bilac, 1709 - Centro-sul - tel (086) 221-0441

Uberaba (MG): Rua Tristão de Castro, 191 - Centro - Tel (034) 312-5629

Nosso e-mail é:
pstunac@uol.com.br
Nossa home page é:
www.pstu.org.br